

Brincando com pneus. Uma área de lazer na Associação do Loreto com a participação de todos

Jussara Nogueira^a, Rebeca Batista^b

Resumo

Este trabalho objetiva apresentar a experiência vivenciada por alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Estadual do Maranhão na construção de um parque de pneus na Associação Nossa Senhora do Loreto, em São Luís, Maranhão. Foi utilizada a metodologia participativa como principal instrumento na idealização e na construção do parque, debatendo em como a participação resulta na construção de um projeto que busca a apropriação maior do espaço por parte dos usuários, ao se sentirem coautores, ressaltando também, o entendimento do papel social do arquiteto no acesso da arquitetura a todos.

Palavras-Chave

Metodologia participativa, Parque de Pneus, Sustentabilidade

Abstract

This article presents an experience lived by students of Architecture and Urbanism course of State University of Maranhão in the construction of a tire park in Nossa Senhora do Loreto Association, in São Luís, Maranhão. The methodology participative was used as the main instrument in the design and construction of the park, debating how a participation results in the construction of a project that seeks a greater appropriation of space by the users, in a sense of co-authors, also emphasizing the understanding from the social role architect in the access of architecture to all.

Keywords

Participative methodology, Tire park, Sustainability

Introdução

Este artigo visa relatar o trabalho realizado por estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Maranhão junto a Associação Nossa Senhora do Loreto. O produto final foi um Parque de Pneus. Esse trabalho utilizou a metodologia participativa como parte integrante e essencial para o êxito, com a construção de um espaço idealizado pela comunidade e pelos alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo.

A motivação se deu decorrente do entendimento sobre o arquiteto e urbanista que possui habilidades necessárias para a construção e manutenção do espaço, onde através dele, consegue disponibilizar algo que contribuirá com o bem-estar de toda a comunidade. Além disso, a utilização da metodologia participativa, se fez necessária para que se construísse um espaço de vivência coletivo, onde pudessem se apropriar do projeto e do parque, cuidando e mantendo o espaço.

A construção foi marcada pela presença essencial da comunidade, na área onde se locali-

za a Associação Nossa Senhora do Loreto, que se fez presente da concepção projetual, execução de oficinas e palestras educativas que visavam a conscientização ambiental e construção do parque de pneus. O material utilizado, os pneus, foram escolhidos a partir da percepção de que eles apresentam vida útil extensa, enquanto são despejados após sua utilização, causando impactos ambientais no espaço. Assim, foi pensado na construção de um espaço que pudesse não só influenciar o lazer de uma comunidade, mas também com a criação de uma consciência ambiental, a partir do papel do arquiteto, atrelado a metodologia do projeto participativo.

Ao longo da pesquisa, o conhecimento da metodologia participativa no projeto de arquitetura foi essencial para que o resultado final fosse obtido, com seu entendimento e conhecimento de técnicas de projeto. O processo de elaboração e construção do parque resultou em um projeto que agradou a todos, também como parte da formação de novos arquitetos e urbanistas.

^a Doutoranda em Urbanismo, Universidade de Lisboa. Email: jussara@deurb.com.br

^b Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão. Email: rebecagomes115@gmail.com.br

A participação no projeto da arquitetura

A participação “tem origem da palavra parte, que consiste em “fazer parte”, “tomar parte” ou “ter parte”, as três condições caracterizando níveis diferentes de participação e envolvimento (...) O ideal para a democracia participativa seria os cidadãos tomarem parte, se sentirem parte de algo e realmente ter parte legítima para construírem algo em conjunto da qual sintam que fazem parte.” (Pinheiro, 2016, s.p.). A participação, dentro do projeto de arquitetura, visa o envolvimento da comunidade com aquilo que será projetado.

As metodologias de projeto existentes, refletem em um profissional de arquitetura que é distanciado do sujeito a quem projeta, parte devido a um entendimento errôneo que o projeto não passa de um objeto, sem entender que isso irá influenciar ativamente a vida de outro sujeito. Esse entendimento, gerado principalmente por uma mentalidade individualista, onde se enxerga o projeto apenas como mercadoria, reflete principalmente na vida daqueles que possuem poucas condições de escolha, como habitações sociais, onde são pensadas a atender um estilo de vida diferenciado do real.

Nesse contexto, o projeto participativo visa agregar o desejo da comunidade com o conhecimento técnico do arquiteto, sendo uma troca de informações e escolhas constantes, que visam, além de construir um projeto que atenda a comunidade, um espaço que seja apropriado por aqueles que idealizaram e usufruirão.

Esse entendimento democrático busca que a decisão projetual passe pelas escolhas da maioria, que entende que a decisão pode não partir homogeneamente do grupo, mas que deve ser discutida e aceite por boa parte dele. Essas ações podem encontrar diversos entraves, inicialmente, como a mobilização da comunidade, que por vezes não se sente parte do processo; na existência de interesses conflitantes, quando há divisão de escolhas, cabendo diálogo e informações para que se possa chegar em um consenso; até mesmo pelo enfrentamento de uma linguagem comum, que com sua ausência pode distanciar a comunidade, por não entender o processo.

O papel do arquiteto e urbanista dentro da metodologia participativa, é o de contribuir para que a comunidade alcance um projeto que atenda as necessidades básicas, sejam elas ambientais, estruturais e até mesmo estéticas. O arquiteto possui um papel de consultor, onde vê o projeto como fruto de diversas mãos. Nesse entendimento, é necessário a expansão do projeto

participativo na construção de espaços que visem atender as necessidades das comunidades. Onde além de buscar exercer o papel social do arquiteto, ele entenda que pode ser realizado a construção projetual a partir de um processo democrático.

“No processo participativo, o usuário possui um papel ativo durante a elaboração do projeto. Não é apenas o fornecedor do programa de necessidades a ser atendido ou mero provedor dos recursos da obra. Não se trata de uma co-autoria do projeto, mas de uma participação presente ao longo de todo o desenvolvimento do mesmo.” (Lana, 2007, s.p.).

Dentro da metodologia participativa existem diversas técnicas que vão auxiliar o processo, sendo, de acordo com Noebauer (2016), os números de métodos participativos variados, levando a escolha dos arquitetos o método mais apropriado. Tem de se ter em conta que o método deve ser adaptável as faixas etárias das pessoas que irão participar, além do objetivo pretendido.

Como forma de subsidiar o processo, o método escolhido foi o “Poema de Desejos”, ou *Wish Poem*, denominado por seu criador, Henry Sannoff (Noebauer, 2016). Esse método se constitui na descrição do desejado pelo participante, onde pode ser expresso livremente através de escrita ou desenhos. O pontapé inicial se dá com a frase “Eu gostaria que o ambiente...”.

Com isso, o projeto do parque de pneus buscou se basear nos dois conceitos e, junto à comunidade, projetar um espaço de lazer para as crianças na Associação Nossa Senhora do Loreto.

Estudo de caso

O local escolhido

O Maranhão é o estado brasileiro com maior população de baixa renda do Brasil (IBGE, 2010), esses dados refletem na população de São Luís, a capital, que apresenta também uma segregação socio-espacial latente, onde locais de moradias são distanciados do centro da cidade, acarretando problemas de mobilidade, serviços de infraestruturas e aglomerações subnormais.

O local escolhido para a construção do parque de pneus, situa-se no bairro Jardim Lisboa, na periferia da cidade de São Luís, uma zona marcada pela divisa territorial com a cidade de São José de Ribamar. Próximo ao local, existe um hospital de urgência e emergência, o Socorrão II e Campus Paulo VI da Universidade Estadual do Maranhão, o que gera intenso fluxo.

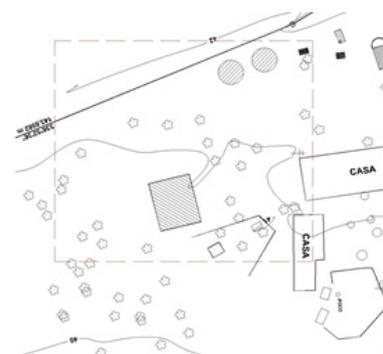
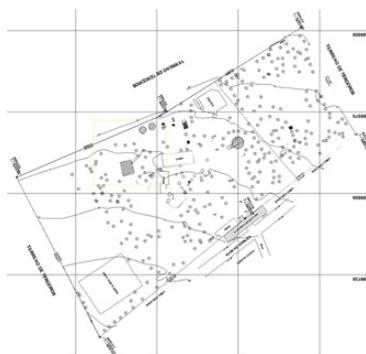


Imagem 1 - Localização Associação
Nossa Senhora do Loreto

Fonte: Autoras a partir do Google Maps

Imagem 2 - Planta topográfica
do parque - Local escolhido

Fonte: Autoras

Imagem 3 - Planta topográfica do parque -
Local escolhido próximo a Casa principal

Fonte: Autoras

O entorno da comunidade possui como características a densidade demográfica elevada, baixo índice salarial e características desiguais, frente a recortes sociais marcantes.

Os serviços de infraestruturas, como saneamento básico – abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo, como também pavimentação e áreas de lazer, são apresentados, mas de maneira precária, onde a população vive abaixo das condições de conforto relativamente às restantes áreas da cidade.

A associação Nossa Senhora do Loreto foi escolhida porque reúne famílias que moram próximas à região e conta com diversas atividades em prol da comunidade. No local são promovidos cursos capacitivos, abriga uma unidade escolar básica para as crianças e uma padaria que é mantida pelos colaboradores da associação. A associação atende cerca de 90 crianças que acessam a região no turno matutino e vespertino que, além da escola, possui um reforço gerido por educadores municipais e moradores.

A escola municipal não contava com uma área de lazer para os alunos, onde a estrutura da pequena casa com balanço não atendia à demanda e não garantia segurança, uma vez que se encontrava em péssimo estado de conservação.

O projeto do parque buscou à priori melhorar a qualidade de vida dos usuários da Associação Nossa Senhora de Loreto e moradores do entorno. Com o propósito de promover a integração da comunidade com o meio ambiente e consolidar o envolvimento da universidade com a comunidade, foram promovidas discussões e treinamentos multidisciplinares entre os alunos bolsistas e usuários da associação através de oficinas e palestras de caráter educativo, recreativo e ambiental.

Com um amplo espaço a ser usufruído, o local necessitava de uma assistência técnica para que pudesse ser utilizado da melhor forma. Entendendo a necessidade do local, além de enxergar que uma ação de construção do parque viria a

beneficiar a comunidade no geral, por visualizar a arquitetura como agente transformadora, a ação foi possibilitada pela FAPEMA - Fundação de amparo à pesquisa e desenvolvimento científico do Maranhão.

O local escolhido na associação se deu por indicação dos associados, por ser uma área já utilizada para as crianças jogarem futebol (possuía um campo improvisado no local). O local apresentava amplo espaço sombreado, sendo agradável para a utilização vespertina, além de ser ideal devido a topografia do ambiente.

O processo

O processo contou inteiramente com a participação da comunidade, como visto a seguir.

Imersão – A etapa de imersão foi necessária para que a comunidade enxergar o pneu como objeto possível de ser modificado para a construção desse novo espaço, além de imaginarem como queriam um parque que pudessem desfrutar.

Levantamento – As crianças puderam ser livres para escolherem seus brinquedos e como imaginavam que seria um parque ideal. Com a utilização de desenhos e entrevistas, representaram aquilo que imaginavam ser o ideal (Poema dos Desejos), uma atividade lúdica que foi etapa inicial do projeto. Essa ação gerou diversas

sugestões que foram utilizadas no projeto final, motivo de grande felicidade das crianças que reconheceram suas idealizações.

Debate – Com a utilização dos dados levantados e projetos de outros parques semelhantes, se buscou aproximar o contexto às crianças, para que entendessem o processo do projeto e se apropriarem do espaço.

Estudo Preliminar – Houve a concretização do que havia sido debatido em formato de layout inicial do parque.

Debate - Foi levado à comunidade que pôde opinar nos detalhes e escolherem como seria a disposição dos brinquedos previamente escolhidos por eles.

Projeto – Com todos os detalhes já definidos, a comunidade chegou com o processo final do projeto, onde serviu de motivação para as etapas posteriores de construção do parque.



Imagem 4 - Etapas do processo participativo

Fonte: Autoras

Ao apresentar o projeto para a comunidade, houve grande empolgação ao enxergarem aquilo que idealizaram e se prontificaram para participar do processo de construção. Os materiais foram adquiridos através do auxílio disponibilizado no projeto e foi dividido a construção de acordo com a quantidade de brinquedos idealizados.

Todas as etapas foram importantes para a concretização do projeto, onde elas puderam se sentir participantes e autoras do projeto, que serviu também para maior participação nas atividades da associação.

Desenvolvimento

Posterior a esse trabalho de coleta de informações, foram realizadas palestras sobre educação ambiental, com o objetivo de ensinar e conscientizar os moradores da região acerca da importância da preservação ambiental. O trabalho visava utilizar o projeto do parque também para representar a importância da consciência ambiental.

As crianças puderam associar o projeto do parque ao trabalho de preservar e reutilizar materiais descartáveis. O resultado esperado era que pudessem valorizar o parque como forma de cuidar do meio ambiente, elas puderam ouvir sobre lixo, reciclagem e até mesmo consumo consciente de água.

Resultados

Para que pudesse haver a colaboração de todos, os brinquedos foram divididos por nível de dificuldade de execução, deixando para as crianças menores o trabalho que não apresentasse risco para elas. Foram necessários 9 mutirões de construção. Nesse período contamos com a chuva, o que em alguns momentos dificultou o processo de construção, mas ao final pudemos apreciar a ajuda da comunidade e acadêmicos.

Foi utilizada a técnica de solo-cimento adquirida em sala de aula. Onde é um material alternativo de baixo custo, obtido pela mistura de solo, cimento e água, isso ajudou na construção



Imagem 5 e 6 - Palestra e momento de desenhos

Fonte: Autoras

Imagem 7 e 8 - Desenhos

Fonte: Autoras



Imagem 9 - Proposta inicial do parque

Fonte: Autoras

Imagem 10 - Palestra sobre consciência ambiental

Fonte: Autoras

Imagem 11 - Ensinando a lavar as mãos

Fonte: Autoras

dos brinquedos que necessitavam de maior reforço estrutural, sem a necessidade de mão-de-obra especializada.

Após a montagem dos últimos brinquedos, verificamos que os demais brinquedos e mobiliários apresentavam algum dano e constatado que não seguimos para a limpeza da área do parque, como retirada de folhas, pedras, galhos e qualquer outro empecilho.

Após a montagem dos últimos brinquedos, verificamos que os demais brinquedos e mobiliários apresentavam algum dano e constatado que não seguimos para a limpeza da área do parque, como retirada de folhas, pedras, galhos e qualquer outro empecilho.

Finalizamos a construção do parque onde realizamos a cerimônia de entrega do Parque Loretinho, no qual existem 06 modelos distintos de brinquedos e uma mini quadra de futebol. Fora isso, entregamos juntamente com equipamentos, lixeiras, canteiros, mesas e cadeiras, todos confeccionados com pneus.

Como resultado final, logramos o sucesso na elaboração de uma área de lazer sustentável para a associação, visto que os materiais utilizados não agridem o meio ambiente e com a devida manutenção, torna a vida útil do parque e seus brinquedos bem duradoura.

Além disso, a alegria e empolgação das crianças e associados que obtiveram um produto que se orgulharam de ter participado na construção. Ao final do projeto, pudemos nos agradecer com palavras de agradecimento que contribuíram para o entendimento do papel do arquiteto na prática, podendo exercer aquilo que ouvimos.

Conclusão

O saber da arquitetura e urbanismo altera a qualidade de vida da sociedade no geral, tanto em



Imagem 12 e 13 – Construção da passarela e limpeza de pneus

Fonte: Autoras

uma escala micro, na construção de melhorias das casas, como na escala macro, na intervenção da cidade. A facilidade de acesso se faz necessária frente a uma sociedade altamente desigual, pela busca de amenizar esse efeito socioeconômico.

Tal projeto serviu como oportunidade de intervenção do saber universitário, para a melhoria das condições locais de uma parcela da comunidade que não tem acesso ao serviço de arquitetura. Proporcionando uma alternativa de lazer seguro às crianças da associação. Em uma relação mútua de aprendizado, nós aprendemos na prática as etapas de uma obra e administração de imprevistos que nela ocorrem, fator de extrema importância para o nosso curso.

Além disso, os integrantes da associação, e mesmo os frequentadores, como as crianças, tiveram uma participação muito ativa em todas as



Imagem 14 e 15 – Utilização da técnica do solo cimento

Fonte: Autoras

Imagem 16 e 17 – Construção da escalada e equilíbrio

Fonte: Autoras

etapas de análise, projeto e construção do parque, o que fez todos se apropriarem do projeto e sentirem-se pertencente, um fator de extrema importância para a manutenção do parque, visto que o cuidado será mais criterioso.

Por fim, ao final de todo o projeto conseguimos ter a certeza do sucesso obtido e do aprendizado enriquecedor, o Parque Loretinho promoverá a qualidade de vida dos usuários da associação, bem como integração da comunidade com o meio ambiente, tornando-os agentes multiplicadores de todos os conhecimentos obtidos em prática e palestras educativas.

Bibliografia

- Carrilho, A. (2012), “DNA” *Arquitetônico: Conceitos de Design Aplicados ao Método para Reabilitação dos Espaços da Arquitetura*, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis.
- CAU, Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, (2012), *Lei de Assistência Técnica ainda não é realidade no Brasil*.
- De Carlo, G. (2005), “Architecture’s public”, in Jones, P., Till, J., Petrescu, D. (Eds.) *Architecture and participation*, Ebook, London: Routledge, pp. 20-30.
- DED/NAU (2013), *Participação da Comunidade em Processos de Desenho Urbano e de Ur-*



Imagem 18 – Placa na inauguração

Fonte: Autoras

Imagem 19 – Parque finalizado

Fonte: Autoras

Imagem 20 – Momento de inauguração

Fonte: Autoras

banismo, Levantamento e descrição de métodos e técnicas, Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

- IBGE (2010), CENSO DEMOGRÁFICO, *Características da População e dos Domicílios*, Rio de Janeiro: IBGE.

- Lana, S. (2007), *O Arquiteto e o Processo de Projeto Participativo: o caso do RSV*, Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte.

- Maricato, E. (1995), “Metrópole na Periferia do Capitalismo”, in Gonçalves, M. (org.), *O novo Brasil urbano*, Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, pp. 261-289.

- Matos, L. (2010), *Processo participativo de projeção em arquitetura: estudo de caso de uma oficina de projeto*, Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Mello, W. (2011), *Proposta de um método aberto de projeto de produto: três alternativas de criação*, Dissertação (Mestrado), Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Noebauer, M. (2016), *A voz do usuário: métodos para processos participativos de projeto em arquitetura e urbanismo*, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

- Pinheiro, J. (2016), *A inserção da metodologia participativa na prática do arquiteto e urbanista na contemporaneidade*, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.

- Pronsato, S. (2002), *Projeto participativo e criação coletiva*, São Paulo: FAUUSP.